

2.2 ARQUITETURA DO TEMPO: IMAGEM, CONCEITO E MATÉRIA

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1990, p. 44).

Antes de entrar nos conceitos diretamente ligados à imagem, quero me reportar ao texto “O tempo nas cidades”, escrito por Santos (1989), que traz uma abordagem pertinente ao cerne desta pesquisa. Segundo o autor⁴³, o tempo pode ser encarado de diversas maneiras e, seguindo o pensamento de alguns filósofos, entre eles Heidegger, pode ser dividido em três tipos: o tempo cósmico, o tempo histórico e o tempo existencial.

O tempo cósmico, da natureza, objetivado, sujeito ao cálculo matemático; o tempo histórico, objetivado, pois a História o testemunha, mas no qual há cesuras, em vista de sua profunda carga humana; e o tempo existencial, tempo íntimo, interiorizado, não externado como extensão, nem objetivado, é o tempo do mundo da subjetividade e não da objetividade. Mas esses tempos todos se comunicam entre eles, na medida em que o tempo é social. Parafraseando Heidegger, para quem sem o homem não há tempo, é desse tempo do homem, do tempo social contínuo e descontínuo, que não flui de maneira uniforme, que temos de tratar [...] E é por aí que se vê que esses diversos tipos de tempo convergem e divergem. Convergem na experiência humana e divergem na análise. (SANTOS, 1989).

Para Santos (1989), “Do tempo matemático, tempo cósmico, tempo do relógio, ao tempo histórico, vai toda uma evolução que é assinalável ao longo da História”. E mais:

O tempo individual, tempo vivido, sonhado, vendido e comprado, tempo simbólico, mítico, tempo das sensações, mas com significação limitada, não é suscetível de avaliação se não referido a esse tempo histórico, tempo sucessão, tempo social, o ontem, o hoje, o amanhã. Essas seqüências, que nos dão as mudanças que fazem história, criam as periodizações, isto é, as diferenças de significação. (SANTOS, 1989).

Sobre o tempo, autor prossegue:

[...] o tempo aparece como sucessão, permitindo uma periodização; depois aparece como raio de operações, isto é, o tempo que nos é concomitante,

43. Milton Santos, professor titular do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, faleceu em 24 de junho de 2001. Texto extraído da transcrição da conferência do autor na mesa-redonda “O tempo na Filosofia e na História”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP em 29 de maio de 1989. A transcrição completa foi publicada na *Coleção Documentos, série Estudos sobre o Tempo*, fascículo 2, em fevereiro de 2001.

que nos é coetâneo, ou que foi coetâneo de uma outra geração, e essas duas acepções do tempo nos permitem trabalhar não só o espaço geográfico como um todo, mas a cidade em particular. Há uma ordem do tempo que é a das periodizações, que nos permite pensar na existência de gerações urbanas, em cidades que se sucederam ao longo da História, e que foram construídas segundo diferentes maneiras, diferentes materiais e também segundo diferentes ideologias. (SANTOS, 1989).

Ao falar do tempo nas cidades, Santos faz observações sobre questões fundamentais sobre a relação espaço-tempo que tanto nos interessa para a compreensão dos processos que envolvem o indivíduo, cidadão do mundo contemporâneo, envolvido com novas tecnologias, submetido a experiências diversas de relações com outros tempos e outros espaços.

Na cidade atual, essa idéia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da História, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais. (SANTOS, 1989).

Considera ademais que “[...] a paisagem é toda ela passado, porque o presente que escapa de nossas mãos já é passado também” (SANTOS, 1989). O autor esclarece que um dado fundamental para a compreensão do espaço é a sua materialidade, o reconhecimento da presença dos tempos que já se foram, mas que permanecem nas formas e objetos, os quais são representativos de técnicas. A este respeito Santos observa:

[...] a técnica é sinônimo de tempo: cada técnica representa um momento das possibilidades de realização humana e é por isso que as técnicas têm um papel tão importante na preocupação de interpretação histórica do espaço. (SANTOS, 1989).

Finalizando, afirma:

O império do tempo é muito grande sobre nós, mas é, sobre nós, diferentemente estabelecido. Nós, homens, não temos o mesmo comando do tempo na cidade; as firmas não o têm, assim como as instituições também não o têm. Isso quer dizer que, paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço. (SANTOS, 1989).

O autor referencia que, com a inserção das tecnologias de informação e comunicação nas cidades, é necessário rever as questões levantadas pelo processo de globalização, observando que “[...] o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora [...]” e “[...] quem se globaliza mesmo são as pessoas” (SANTOS, 1989).

Muitos estudiosos vêm refletindo sobre as questões que envolvem as relações contemporâneas decorrentes da globalização. Para alguns pensadores e filósofos africanos, este é um tema recorrente. Tomo aqui alguns trechos de um discurso proferido pelo escritor moçambicano Couto (2003), que se dirige ao seu país, Moçambique, mas que pode ser válido para os demais países que também foram subjugados enquanto colônia, e que se encontram, na atualidade, vivendo dificuldades no seu processo de desenvolvimento e de inclusão social, em um mundo globalizado. Com a mundialização da cultura, torna-se fundamental o não esquecimento do passado, das raízes.

Segundo observação de Couto (2003), “[...] somos — um espelho à procura da sua imagem”. Além disso, sinaliza:

É importante fazermos nova luz sobre o passado porque o que se passa hoje nos nossos países não é mais do que a actualização de convívios antigas entre a mão de dentro e a mão de fora. Estamos revivendo um passado que nos chega tão distorcido que não somos capazes de o reconhecer. Não estamos muito longe dos estudantes universitários que ao saírem de Maputo já não se reconhecem como sucessores dos mais velhos.

[...]

Se o passado nos chega deformado, o presente desagua em nossas vidas de forma incompleta. Alguns vivem isso como um drama. E partem em corrida nervosa à procura daquilo que chamam a nossa identidade. Grande parte das vezes essa identidade é uma casa mobilada por nós, mas a mobília e a própria casa foram construídas por outros. Outros acreditam que a afirmação da sua identidade nasce da negação da identidade dos outros.

O certo é que a afirmação do que somos está baseada em inúmeros equívocos. (COUTO, 2003).

Para Couto, a riqueza provém da disponibilidade em se efetuar trocas culturais com os outros. E que a magia existente em Moçambique para atrair o olhar estrangeiro “[...] nasce da habilidade em trocarmos cultura e produzirmos mestiçagens. Essa magia nasce da capacidade de sermos nós, sendo outros”. Considero que esta pode ser uma observação também aplicável ao nosso país, o Brasil.

Com relação a essas questões, assim se posiciona Santos:

Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização [...] O Mundo, porém, é apenas um conjunto de *possibilidades*, cuja efetivação depende das *oportunidades* oferecidas pelos lugares [...] Mas o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o ‘Mundo’ necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o ‘Mundo’ escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar *espaço*, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. (SANTOS, 1996, p. 271).

Acrescenta que “[...] é no lugar que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais” (SAN-

TOS, 1996, p. 271). Prossegue afirmando que, em vários sentidos, não apenas no territorial, uma das transformações mais essenciais parece ser o descentramento do sujeito e das identidades, provocado pela fragmentação social; descentramento geográfico facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e descentramento cultural, favorecido pelo multiculturalismo e intensificado desde a década de 80. Estes descentramentos supõem a dissolução de fronteiras, a interpenetração entre os mundos tecnológico e natural, heterogeneidade cultural, universal e regional, ocidente e oriente, aldeia e metrópole, centro e periferia, tradição e contemporaneidade, original e híbrido. Vive-se um processo mestiço, de hibridização, diversidade cultural, com multiplicidade de formas, técnicas, mídias e signos. Há na dialética contemporânea um tenso diálogo entre forças que às vezes se opõem e às vezes se complementam, num processo variável em graus e intensidades. Desta forma, o hibridismo passa a ser uma marca geral da cultura na contemporaneidade.



Fig. 159 — Feira do km 30, mulher vendendo *kizaka* (folha da mandioca), com o telemóvel pendurado no pescoço, Estrada de Viana, Luanda, 2007

Estas observações, trazidas com o texto do professor Santos, em paralelo com a leitura do texto de Peixoto (1996) sobre as paisagens urbanas, proporcionaram referências fundamentais à concepção das minhas primeiras obras.

No segundo semestre de 2006⁴⁴, demos início ao desdobramento desta pesquisa com a produção de trabalhos práticos que originaram duas obras: *Só Deus*

44. Disciplina Processos Criativos, ministrada pela artista e professora da UFBA/EBA Dr^a Viga Gordilho.

que sabe e *Fronteiras InVisíveis*. Note-se que nestas obras ainda não são apresentadas imagens da cidade de Salvador, mas apenas da cidade de Luanda.

2.2.1 Só Deus que Sabe

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa. (COUTO, 2006, p. 77).

Para a participação na Mostra *GUARD(A)RES*, foi realizada a primeira obra intitulada *Só Deus Que Sabe*, poética visual criada a partir de vivência na cidade de Luanda, em agosto de 2006. Foram estabelecidas analogias e diálogos entre as imagens capturadas em câmeras digitais (vídeo e fotografia) e as imagens capturadas da televisão local, promovido através de reflexões sobre as paisagens urbanas contemporâneas. A noção de especificidade na concepção dessa obra resultou em um processo híbrido entre fotografia e vídeo.



Fig. 160 — Cidade Baixa, Luanda, 2006



Fig. 161 — Avenida dos Combatentes, Luanda, 2006



Fig. 162 — Avenida Marginal, vista da Fortaleza S. Miguel, Luanda, 2006

O ato de se deslocar em Luanda traz consigo muitas possibilidades de experimentar um outro olhar sobre as cidades. Foram consideradas algumas das possíveis significações do termo *trânsito*, a exemplo de: efeito de passar, passagem; mudança; caminhar, movimento, circulação, afluência de pessoas ou de veículos, tráfico, tráfego. Transitar, atenta à paisagem, à pichação, à arquitetura, às intervenções urbanas e às pessoas foi um exercício diário, exercido com perseverante dedicação durante os 30 dias que estive naquela cidade.



Fig. 163 — DETALHES, Estrada de Viana, 2006



Fig. 164 — DETALHES, Estrada de Viana, 2006



Fig. 165 — Salão de Beleza, Estrada de Viana, 2006



Fig. 166 — Salão de Beleza, Estrada de Viana, 2006



Fig. 167 — Vendas de produtos diversos, Viana, 2006

Olhar para o percurso dessas imagens é, também, uma atitude positiva para uma maior e melhor compreensão dos acontecimentos que envolvem essa região recém saída de uma guerra que, tendo perdurado por 25 anos, findou em 2002. Imagens registradas por diversos recursos técnicos traduzem os contrastes e as transformações ocorridas com os edifícios, as praças e as fachadas da cidade e da sua periferia. Imagens que traduzem a resistência de um povo que vive e sobrevive de formas muitas vezes estranhas e, paradoxalmente, de maneira semelhante a nós brasileiros, em muitas oportunidades. Ficava, em média, duas a três horas do dia nesse ir e vir, numa estrada esburacada, com muita poeira, em meio a um trânsito congestionado; vendo e vivendo experiências muito ricas, ouvindo histórias e estórias de pessoas a quem dávamos boléia⁴⁵. Ou então procediam do Sr. Arlindo, jovem angolano que guiou o carro e as nossas vidas durante o tempo em que lá estivemos.

A idéia para a criação da obra surgiu durante algum momento das tantas vezes em que tentava chegar à Luanda para mais um dia de trabalho e vi uma candonga⁴⁶ com a frase estampada no vidro de trás “Só Deus Que Sabe”. Essa era a tradução mais completa e mais incrível daquela experiência.



Fig. 168 — Candonga na estrada de Viana, 2006

O roteiro foi elaborado a partir das imagens capturadas em vídeo e fotografia digital, associadas às imagens de alguns programas da rede de televisão local (TPA — Televisão Pública de Angola).

Para sua execução, uma das tarefas mais importantes consistiu em elaborar um roteiro que pudesse, em um vídeo de curta duração, mostrar os matizes da experiência de se movimentar em Luanda. Além disso, queria “apresentar” aquela ci-

45. Boléia é o mesmo que carona. Esse termo é bastante usado em Luanda.

46. Candonga é nome dado ao transporte coletivo local, parecido com as “vans” brasileiras.

dade com pequenas “pinceladas”, possibilitar uma visão panorâmica sobre as diversas questões que envolvem o espaço urbano, a economia, a religião e o saneamento.

A seguir, transcrevo o roteiro que foi elaborado para a execução desse vídeo.

1 O OLHAR SOBRE A CIDADE. CÂMERA SUBJETIVA

ABRIR COM CENAS PANORÂMICAS DA CIDADE.

Engarrafamentos, Buzinas, Barulho, Estátua de Agostinho Neto.

Out doors, Ladeira, muitos carros parados e em movimento, Engarrafamento, Putos (meninos que vendem nas ruas),

Parabólica e algumas CANDONGAS. Áudio na fita 2 (8mm).

2 INSERIR IMAGENS E ÁUDIO DE PROGRAMAS DA TELEVISÃO (FITA VHS)

Propagandas e vídeo clip

3 ESTRADA P/ VIANA

O olhar segue o caminho da estrada.

Estrada livre, CANDONGAS, Pessoas. (Fita 8mm)

Mulheres carregando coisas, (FOTOS)

OUT DOOR Vestimos sua Camisola

Estrada mais movimentada, Engarrafamentos, Buzinas, Gritos, *Out doors*

CANDONGAS Áudio: fita 2 (8mm)

4 CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO, ESTRADA DE FRENTE,

Homens embaixo das árvores, Pessoas vendendo de tudo, os PUTOS,

Caminhões parados, carros e ônibus depredados.

CANDONGAS: Dois Amigos, Ser Negro, Virgem...

Mulheres vendendo coisas (FOTOS)

Ônibus com propaganda de CAMISINHA

MULTIDÃO / LIXO / MOINHO Áudio: fita 2 (8mm)

ESTRADA totalmente Engarrafada, Buzinas, gritos, barulho

PUTOS, Pessoas ao celular, PARÁBOLICA com pombas, CANDONGAS

Seguir a CANDONGA SÓ DEUS QUE SABE

ROSTOS de pessoas (tristeza, desolação) (FOTOS)

Fechar com a imagem da frase na Candonga: SÓ DEUS QUE SABE

Áudio: Trilha sonora